

Discurso de Abertura

JOSÉ GOLDEMBERG

A Sociedade Brasileira de Física congrega praticamente todas as pessoas que têm atividade em Física no Brasil. Se bem que tenha havido certa ênfase nas atividades de pesquisa, que são objeto do congresso anual, que se realiza conjuntamente com o congresso da SBPC, as atividades da Sociedade na área de ensino têm sido constantes como demonstra o fato de ser este o terceiro Simpósio Nacional de Ensino de Física. E o que se diz usualmente das sociedades é que elas vivem nos congressos. Isso é um pouco verdade acerca de algumas sociedades, mas não há dúvida de que é nos congressos que as sociedades têm um pico de atividades, é onde as pessoas se encontram e onde são discutidos os problemas dos sócios das mesmas.

Acredito que aqui haverá ampla oportunidade, inclusive na Assembléia Geral de Encerramento, para que os sócios da SBF se manifestem sobre os problemas que eles considerem pertinentes. Basicamente, eu gostaria de dizer por que este congresso. Por que este e não outro. A SBF tem tido congressos científicos e congressos de ensino. O que considero como resposta a essa pergunta é: a SBF julga válida a pergunta "por que ensinar Física?". Ela não considera essa pergunta como irrelevante, como não necessitando de resposta, mas acredita que ela deve ser respondida. E a resposta pressupõe uma atitude atuante e positiva por parte da sociedade. A SBF não se considera apenas como sindicatodos físicos brasileiros, com missão de lutar pela melhoria da

posição social e dos salários destes. A SBF julga que deve se preocupar com as questões fundamentais que acabam decidindo sobre o destino das atividades que os físicos têm no Brasil.

É minha opinião e provavelmente de muitos colegas meus, de que esse não é um problema só da SBF, mas é um problema que está ligado com a origem da própria Física há milhares de anos. Há pessoas que acreditam que existe dentro do homem uma força inquisitiva muito marcante e que ele simplesmente tem a tendência de se preocupar com o mundo que o cerca, e tentar entendê-lo. É provável que isso seja verdade, mas só esse impulso não basta para explicar o desenvolvimento que tiveram a Astronomia e a Matemática no Egito antigo, por exemplo. Esse desenvolvimento resultou não só da curiosidade das pessoas, como de uma necessidade social muito grande: a de prever as cheias do Nilo. Esse tipo de problema ocorreu durante toda a história da Física, ao longo da História da humanidade. Os exemplos são abundantes, na Antiguidade, e não é o caso de discutir aqui. Mas também existem exemplos modernos, e nós os temos acompanhado na nossa vida ativa como profissionais,

A ênfase que o estudo de Física adquiriu nos EUA, através do PSSC que provavelmente vai ser objeto de muitas discussões nesse congresso, pode parecer oriunda de um interesse dos professores norte-americanos, muitos deles nossos colegas, de dar um ensino melhor de Física nos Estados Unidos. A verdade é bem outra: o PSSC e outros livros desse tipo surgiram em meados da década de 50 nos EUA como uma resposta de política nacional dos EUA, para tentar enfrentar o desafio que constituiu o lançamento do Sputnik soviético. Essa ênfase do PSSC em Física moderna, particularmente em Física Nuclear, é uma ênfase que entusiasmou muito aos físicos norte-americanos e chamou-muita atenção para questões de ensino nos Estados Unidos. Muitas pessoas se iludiram, com o fato de que subitamente as autoridades governamentais demonstravam um enorme entusiasmo pela Física.

Mas, passados quinze anos a ênfase mudou e agora não é mais em armas nucleares, mas em corrida espacial. Aliás, já não é mais nesse campo, e se existe ênfase atualmente em Física nos EUA, ela está se voltando para campos mais salutares, talvez, como o estudo do estado sólido.

Esses exemplos, não são os da Antiguidade, mas também os modernos, é que tornam extremamente pertinente a pergunta: para que ensinar Física? Acho que o físico e professor de Física devem também fazer essa pergunta, porque eles são instrumento e vítima da resposta correta a essa pergunta. Essa tem sido, como os senhores sabem, a posição da SBF, e é por isso que a sociedade se envolve em questões, por exemplo, como as relativas ao acordo nuclear. Pergunta-se às vezes porque a SBF tem que se preocupar como acordo nuclear Brasil-Alemanha, quando existem órgãos governamentais encarregados disso e outras categorias profissionais como a dos engenheiros e outras, que têm um envolvimento até maior com o problema de energia nuclear.

A resposta que a sociedade tem dado é que o treinamento de pessoal para o programa nuclear depende do que se quer desse programa. E a SBF, então, constitui grupos de estudos para entender o que é esse programa e que tipo de pessoal será necessário. Ela, em particular, pode até tomar uma atitude crítica, pode achar que o tipo de pessoal que certos organismos governamentais acham adequado, não é o que a sociedade acha, e isso ela tem feito. Pelo menos nos últimos boletins da SBF o assunto é abordado com toda a clareza e ela toma uma posição diante do tipo de pessoal necessário para determinados programas. Ela faz isso se louvando na experiência de uma comunidade grande, que tem a responsabilidade pelo ensino de uma das matérias básicas, um dos ingredientes fundamentais não só de energia nuclear, mas de muitas outras atividades.

Assim, a principal razão pela qual a SBF realiza simpósios nacionais de ensino de Física, é a de que julga pertinentes as questões apontadas. Não se trata aqui apenas

de discutir como dar aulas mais elegantes, usar transparências, ou estudo de grupo ou ensino dirigido, ou usar uma variedade enorme de técnicas e metodologias audiovisuais ou outras tecnologias e tornar mais eficiente o ensino de Física. Isso será parte de discussões que se travarão nesse simpósio, mas além delas, haverá outro tipo de perguntas e debates: qual o papel que cabe ao ensino de Física numa sociedade como a brasileira?

Encerro minhas considerações dando as boas vindas a todos os participantes e faço votos para que tenhamos uma semana de trabalho produtivo e estimulante.